

INDÚSTRIA AUDIOVISUAL E IDENTIDADE REGIONAL NO MERCOSUL

Daniele Martins Monge¹

Resumo: O MERCOSUL precisa enfrentar melhor os desafios da globalização se desenvolvendo através de um projeto mais amplo que transcenda os temas econômicos, incorporando a dimensão política, social e cultural ao processo de integração. A relação entre indústria audiovisual e identidade regional entende-se pelo poder da difusão de conteúdos simbólicos dessa indústria na geração de padrões culturais mundializados que em nada contribuem para o fortalecimento de traços culturais próprios de nossa região, dada a assimetria de circulação de conteúdos transnacionais por nossas telas. O MERCOSUL deve contar com políticas culturais que promovam a capacidade de auto-representação de nossos povos através das indústrias culturais e assim formar um espaço sólido e coeso, caracterizado pela diversidade cultural.

Palavras-chave: Indústria audiovisual, identidade cultural, integração, MERCOSUL.

Quem somos e para onde vamos? Parece ser uma das perguntas que poderíamos ouvir em alguma reunião de amigos estudantes de filosofia, mas podemos interpretá-las também como inquietações dos Estados em de tempos globalizados, cheios de incertezas. Muito tem sido debatido sobre o papel dos Estados diante do desafio da identidade nacional em um mundo onde o fluxo de imagens propiciado pelas novas tecnologias é cada vez mais dinâmico e homogêneo, tendendo a direcionar os imaginários populares a uma certa padronização. Mesmo com as dificuldades que se apresentam no dia a dia da região, os Estados integrados em bloco poderão enfrentar melhor os desafios da globalização e para isso é necessário contar com um projeto mais amplo que transcenda os temas econômicos, incorporando a dimensão política, social e cultural ao processo de integração.

Este artigo procurará analisar a relação entre indústria audiovisual e identidade regional, partindo da hipótese de que a difusão de conteúdos simbólicos de dita

¹ Mestranda em Integración y Cooperación Internacional, Universidad Nacional de Rosario. Bolsista da OEA. danielemartins@gmail.com



indústria gera padrões culturais mundializados -e até poderíamos dizer americanizados ou ocidentalizados- que em nada contribuem para o fortalecimento de traços culturais próprios de nossa região, dada a assimetria de circulação de conteúdos transnacionais por nossas telas. É importante para o caso da nossa região, especificamente no MERCOSUL, contar com políticas culturais que promovam a capacidade de auto-representação de nossos povos através das indústrias culturais e assim formar um espaço sólido e coeso, em um projeto de diversidade cultural. Há perspectivas negativas sobre o destino do MERCOSUL, mas muitos estão de acordo em dizer que a pesar dos prós e contras do processo, o melhor caminho para para participar do sistema internacional atual é em grupo, pois individualmente o único que se vislumbram são mais problemas

Teorias da integração nos mostram que um processo como o MERCOSUL deve estar caracterizado por um espaço onde não existam tarifas intrazona, se trabalhe com uma tarifa externa comum e permita a livre circulação de fatores de produção. No entanto, é preciso pensar também em fortalecer a identidade regional, sob uma ótica de construção de unidade na diversidade, promovendo com isto que cada cidadão dos estados membros sinta que pertence a um projeto comum. Nossa região é famosa por sua diversidade cultural, os modelos e projetos que se estabeleçam para integrá-la devem basear-se neste princípio e neste sentido, a ação estatal para promover e apoiar o fortalecimento da identidade regional é uma atitude estratégica que será benéfico para a consolidação do bloco, tanto internamente como externamente, ao poder mostrar-se ao mundo de maneira sólida e consistente.

Muitas vezes se percebe o temor de falar de identidade regional pelo fato de acreditar que em nossos países há muitas diferenças como para que um argentino se identifique com um brasileiro ou com um uruguaio ou com um paraguaio. De fato as particularidades estão presentes em nossas latitudes, não somos iguais, mas nem por isso devemos acreditar que não podemos construir um projeto comum, convivendo com nossas diferenças, sem a necessidade de impor padrões de uma cultura sobre as outras.

As contribuições teóricas da Escola Inglesa de Estudos Culturais, em especial as de Stuart Hall, esclarecem um pouco mais este panorama ao nos dizer que na pós-modernidade, o sujeito acostumado a viver estavelmente com sua identidade cultural está passando por um processo de fragmentação, onde sua identidade “[...] se torna uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas

quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”² Para Hall, a cultura nacional se configura como esse sistema de representação que consolida o discurso que constrói os sentidos sobre nosso contexto através de uma comunidade simbólica onde vai se gerando o sentimento de pertencimento.

Desde uma perspectiva antropológica, entende-se a identidade como constituída a partir das interações com os outros. O fato das culturas se encarnarem em identidades particulares não impede a procura de valores comuns. Sobre isso o antropólogo Jean Tardiff assinala que:

A universalidade não é sinônimo de uniformidade. Nenhuma sociedade poderia funcionar sem dispor de um repertório de representação e de ação compartilhada por seus membros e que a distingue dos outros. As relações entre os grupos sociais, seja dentro de um Estado-nação ou à escala extranacional, inscrevem-se em primeiro lugar na representação que cada um faz do outro.³

A reflexão de Manuel Castells também é muito pertinente e esclarecedora: “As identidades são um tema crucial, porque na era da informação o poder gira em torno aos códigos culturais da sociedade e as identidades constroem interesses, valores e projetos em torno à experiência”.⁴ Se partimos do consenso que a identidade é uma construção social, por que não acreditar na possibilidade de que em nossa região podemos somar esforços para fortalecer um sentimento de pertencimento a um projeto que pode amenizar nossa vulnerabilidade diante do sistema internacional? A própria UNESCO nos apresenta essa possibilidade através da Declaração sobre Políticas Culturais de 1982, onde se ve na identidade: “a riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana. [...] Identidade cultural e diversidade cultural são inseparáveis. Daí que constitua a mesma essência do pluralismo cultural o reconhecimento de múltiplas identidades culturais ali onde co-existem diversas tradições.”⁵

Já desde o ponto de vista dos acadêmicos das relações internacionais, um recente estudo da Professora Anabella Busso da Universidade Nacional de Rosario⁶, relata que

² HALL, Stuart (1897). citado por Hall, 2006. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A. p. 13.

³ TARDIFF, Jean (2004) Identidades culturales y desafíos neoculturales. Revista Pensar Iberoamérica. Disponível em <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric06a03.htm>

⁴ CASTELLS, Manuel (1998) La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura. Vol. 2. El poder de la identidad. Madrid: Alianza. p. 20.

⁵ op. cit. UNESCO.

⁶ BUSSO, Anabella (2008) [et al.] Fuerzas profundas, identidad y política exterior. Reflexiones teóricas y metodológicas. En: Fuerzas profundas e identidad. Reflexiones en torno a su impacto sobre la política exterior. UNR, Rosario. p. 14.

nos anos que se passaram depois da Guerra Fria, a disciplina viu surgir uma série de estudos que compartilhavam a mesma preocupação: como as identidades nacionais se adequariam ao novo sistema multipolar? e destaca a contribuição dos construtivistas com a possibilidade de relacionar capacidades materiais com a importância das idéias e as identidades nas relações entre os atores internacionais: “[...] as identidades e os interesses se formam mediante significados coletivos que está continuamente em movimento”.⁷

Do mesmo modo, García Canclini nos alerta sobre este novo movimento quando diz que “[...] a afirmação do regional ou do nacional que condena todo o exógeno já não tem eficácia: deve ser concebida agora como a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir das posições próprias”.⁸ A atitude mais sensata é evitar bloquear o que vem de fora, promovendo a interação entre as influências externas e internas com uma consciência forte e sólida do que temos e somos, não só desde o ponto de vista nacional, mas regional. Trata-se de mostrar ao mundo o que é o MERCOSUL, de fortalecer a identidade cultural não estando unicamente ciente dela, mas também projetando-a e legitimando-a no cenário global.

Pois bem, ao longo dos anos muitos tem sido os mecanismos e as estratégias que os Estados tem usado para transmitir estas idéias e valores de pertencimento. Resulta muito apropriada a categorização de Debray sobre as 3 etapas da humanidade. De acordo com o autor, as etapas são a *logosfera* –tempo da escritura-, a *grafosfera* -tempo da imprensa- e a *videosfera* –tempo do audiovisual-.⁹ Se já há alguns séculos atrás era o censo, o mapa e o museu, como nos relata Anderson, os elementos que “moldearam profundamente a forma em que o Estado colonial imaginou seus domínios: a natureza dos seres humanos que governava, a geografia de seus domínios e a legitimidade de sua linhagem”¹⁰, foi a partir da era da reprodução mecânica –tão bem analisada por Benjamin- que viu-se nascer o tempo do Estado-nação onde a letra impressa era quem ditava os padrões a serem seguidos. E hoje em dia, desde a chegada das imagens em movimento e o avanço das novas tecnologias da comunicação muitas coisas tem mudado. Atualmente vivemos no mundo das imagens e é através delas que se transmitem as idéias e valores do mundo contemporâneo, legitimado pelo consumo. Os Estados não tem deixado passar despercebido isto e tem dado especial atenção ao

⁷ WENDT, Alexander (1992) Anarchy is what states make of it: the social construction of power politic. En International Organization, N° 46. p. 407.

⁸ GARCÍA CANCLINI, Néstor (1997) Culturas híbridas, Edusp, São Paulo.

⁹ DEBRAY, Régis. (1991) Cours de médiologie générale, Paris, Gallimard.

¹⁰ ANDERSON 228

poder do audiovisual e, conseqüentemente, tem entendido o papel da indústria audiovisual no fortalecimento da identidade cultural.

O caso do conglomerado cinematográfico de Hollywood demonstra que as imagens desempenham um papel estratégico na transmissão de imaginários e os norte-americanos tem sabido aproveitar muito bem este atributo para difundir seu *american way of life* pelo mundo. O trabalho de Gerson Moura sobre a Política da Boa Vizinhaça nas décadas de 40 e 50, mostra claramente como a direção da política exterior dos Estados Unidos nesses anos esteve direcionada a cooptar, por meio de programas sociais e culturais, a simpatia dos países latino-americanos em pleno contexto da 2ª Guerra Mundial. Segundo Moura, esta atitude obedeceu a “[...] um planejamento cuidadoso de penetração ideológica e conquista de mercado. [...] parte integrante de uma estratégia mais ampla, que buscava assegurar o alinhamento da América Latina aos Estados Unidos para afirmar-se como grande potência do novo sistema de poder a nível internacional.”¹¹

Nesse mesmo sentido, o conceito de Joseph Nye de *Soft Power* ajuda a entender o uso de estratégias ideológico-culturais para exercer poder no jogo de interesses do sistema internacional: “Um país pode obter os resultados que deseja porque outros países querem seguir sua estela, admirando seus valores, emulando seu exemplo.”¹² Segundo Nye, os Estados deixam de lado as práticas coercitivas passando a preferir estratégias que procuram cooptar a lealdade de outro Estado, tratando de atraí-lo de maneira sedutora para que adotem seus mesmos valores, procurando condicionar seu acionar de acordo aos interesses do ator dominante.

O teórico do sistema-mundo, Immanuel Wallerstein, lembra que o campo de batalha onde hoje se enfrentam os países na defesa de seus interesses, analisando que já não está localizado na abundância de matérias primas ou no comércio das mesmas ou nos investimentos, mas nos processos de acumulação possibilitados pelo desenvolvimento do campo simbólico. É a luta por ser o que dita as regras do jogo no plano dos comportamentos e definir a qualidade de sua inserção no sistema mundial o que mais interessa. Para Wallerstein, a cultura viria a ser o sistema-ideia no moderno

¹¹ MOURA, Gerson (1984) *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. Brasiliense, São Paulo, p. 34.

¹² NYE, Joseph (2000) *O paradoxo do poder americano – por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*, UNESP, São Paulo.

sistema mundo, usada para: “[...] aceitar as contradições, ambiguidades e complexidades das realidades socio-políticas deste sistema concreto.”¹³

Por outro lado, os efeitos da integração economicista sobre a cultura e a tendência homogeneizante do consumo são uma ameaça à diversidade cultural da região. É aqui onde radica a importância de levar mais em conta o papel das indústrias culturais no fortalecimento da identidade local e regional. Nesse sentido, o filósofo chileno, Oficial de Assuntos Sociais da CEPAL, Martín Hopenhayn, adverte:

Tem que considerar não só que nas indústrias culturais se joga majoritariamente a luta por difundir, defender, apresentar e impor sentidos. [...] a luta por estar presente na indústria cultural é uma luta elemental de identidade. As indústrias culturais constituem a via mais importante de acesso ao espaço público para amplos setores privados de expressão nestes espaços, pelo qual a oportunidade de ser parte no intercâmbio midiático é a nova forma privilegiada no exercício da cidadania.¹⁴

O desafio então, ao qual o MERCOSUL se enfrenta no âmbito cultural, passa por políticas públicas que promovam a capacidade dos Estados membros de expressarem suas próprias idéias e fortalecerem suas identidades, rompendo com a lógica homogeneizante que afeta a diversidade cultural. Um dos passos que têm sido dados nesta direção é a Reunião Especializada de Autoridades Cinematográficas e Audiovisuais do MERCOSUL – RECAM, o único órgão criado dentro da institucionalidade do bloco e que tem mantido uma agenda de trabalho ativa desde sua criação em 2003. Formada pelos institutos de cinema dos Estados membros com o objetivo de avançar no processo de integração das indústrias cinematográficas e audiovisuais da região, a RECAM luta pela formulação de políticas regionais que incidam na reformulação do mercado audiovisual em um marco de reciprocidade, complementariedade e solidariedade, visando a consolidação de um projeto estratégico de construção do imaginário regional.¹⁵ Atualmente, a RECAM trabalha no desenvolvimento de um projeto financiado pela União Europeia que visa aumentar o conhecimento e a visibilidade mutua entre os atores do processo de integração e consolidar a longo prazo a consciência de uma identidade MERCOSUL.

¹³ WALLERSTEIN, Immanuel (2007) La cultura como el terreno de batalla ideológica del sistema-mundo moderno. En Geopolítica y geocultura. Ensayos sobre el moderno sistema mundial, Kairós, Barcelona.

¹⁴ HOPENHAYN, Martín (2005) ¿Integrarse o subordinarse? Nuevos cruces entre política y cultura. CLACSO, Buenos Aires.

¹⁵ Informe 2004-2008 da RECAM. Disponível em www.recam.org.

Resta muito por fazer nesse sentido, mas certamente temos as ferramentas necessárias para fortalecer a identidade regional no MERCOSUL e ver se assim conseguimos que nossos povos possam deixar de sonhar os sonhos de outros e comecem a sonhar seus próprios sonhos.

Bibliografía

- BUSSO, Anabella (2008) [et al.] *Fuerzas profundas, identidad y política exterior. Reflexiones teóricas y metodológicas*. En: Fuerzas profundas e identidad. Reflexiones en torno a su impacto sobre la política exterior. UNR, Rosario.
- CASTELLS, Manuel (1998) *La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura. Vol. 2. El poder de la identidad*. Alianza, Madrid.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (1997) *Culturas híbridas*, Edusp, São Paulo.
- HALL, Stuart (2001) *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, DP&A, Rio de Janeiro.
- HOPENHAYN, Martín (2005) *¿Integrarse o subordinarse? Nuevos cruces entre política y cultura en MATO*, Daniel (comp.) *Cultura, política y sociedad: Perspectivas latinoamericanas*, CLACSO, Buenos Aires.
- MOURA, Gerson (1984) *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. Brasiliense, São Paulo.
- NYE, Joseph (2000) *O paradoxo do poder americano – por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*, UNESP, São Paulo.
- PERCIO, Enrique Del (2006) *La condición social: consumo, poder y representación en el capitalismo tardío*. Altamira, Buenos Aires.
- RECAM - Reunión Especializada de Autoridades Cinematográficas y Audiovisuales del MERCOSUR. <www.recam.org>
- TARDIF, Jean. *Identidades culturales y desafíos neoculturales*. [en línea]. Revista Pensar Iberoamérica. N. 6 Mayo - Agosto 2004. <<http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric06a03.htm>> [Consulta: 13 de agosto de 2009].
- UNESCO (1982) Declaración de México sobre las Políticas Culturales. [en línea]. <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001429/142919s.pdf>> [Consulta: 24 de octubre de 2009].
- WALLERSTEIN, Immanuel (2007) *La cultura como el terreno de batalla ideológica del sistema-mundo moderno*. En Geopolítica y geocultura. Ensayos sobre el moderno sistema mundial, Kairós, Barcelona.
- WENDT, Alexander (1992) “Anarchy is what states make of it: the social construction of power politic.” en International Organization, N° 46.